

Literatura marginal e a compreensão das dinâmicas sociais das periferias brasileiras

Rogério de Souza SILVA

rogerio.silva@ifsp.edu.br

(Doutor em Sociologia e docente no Instituto Federal de São Paulo, *Campus São Roque* – IFSP/SRQ)

O presente artigo discute, a partir das noções de *literatura* e *sociedade* desenvolvidas por Antonio Candido e de *campo social* de Pierre Bourdieu, a produção ficcional e a trajetória social e intelectual de determinados escritores no campo literário brasileiro. A manifestação cultural desses autores, caracterizada de periférica e denominada “literatura marginal”, ganhou a cena pública brasileira no final da década de 1990 com a publicação dos romances *Cidade de Deus*, do carioca Paulo Lins e *Capão Pecado*, do paulistano Ferréz. O romance de Paulo Lins tornou-se mundialmente conhecido depois que o cineasta Fernando Meirelles filmou “Cidade de Deus” conquistando, inclusive, indicações para a disputa do Oscar. Ferréz publicou outros livros e organizou a revista “Literatura Marginal”, coletânea com diferentes moradores de bairros periféricos da cidade de São Paulo. A partir da análise das obras desses dois autores sugerimos que os morros, favelas e periferias têm suas próprias características e a literatura marginal pode indicar mais uma oportunidade para desvendar esse mundo que espacialmente está tão próximo, mas socialmente muito distante.

Palavras-chave: literatura marginal/periférica, dialética da malandragem, dialética da marginalidade e trajetória social.

Nos últimos 20 anos, uma produção cultural que tem como tema central a experiência violenta dos moradores das periferias das grandes cidades brasileiras e das prisões invadiu a cena pública do país¹. Com relatos brutais e povoados de aventuras, a “cultura bandida”² ocupa cada vez mais as prateleiras das livrarias, internet, emissoras de rádio e TV com livros como *Cidade de Deus*(1997), *Capão Pecado*(2000), *Manual prático do ódio*(2003), *Diário de*

1 O presente artigo parte de algumas ideias desenvolvidas na minha dissertação de Mestrado publicada em 2011 sob o título de *Cultura e política: autores, contribuições e polêmicas da Literatura Marginal*.

2 Ver FRIAS FILHO, Octávio. *Cultura bandida. Folha de São Paulo*, 2003, A2.

um detento(2001), *Esmeralda* (2001), *Sobrevivente André du Rap*(2002), *Colecionador de pedras* (2005), *Literatura, pão e poesia* (2011) e cantores como Mano Brown, Thaíde, MV Bill, Gog, Happin' Hood, Sabotagem, Dexter, Emicida, Criolo, etc.

Oscilando entre a condenação e sua glamourização no mercado cultural, esse movimento, saído da periferia e das prisões, provocou a emergência de novos sujeitos sociais portadores de um determinado discurso que, aos poucos, afirma-se na cena cultural.

A cultura da periferia ocupa a mídia com um novo discurso de rebeldia e potência, decisivo na mobilização e sedução das camadas juvenis, sejam elas da periferia ou não. E mais do que isso: vem se impondo como novo discurso com conotações políticas, para além dos guetos e faixas etárias. (BENTES; HERSCHMANN, 2002, p.10)

A emergência dessa manifestação cultural está relacionada, possivelmente, à chamada “crise dos intelectuais” dos últimos anos. Esta, provavelmente, criou as condições para o aparecimento de novos intérpretes da realidade social. Dessa forma, os autores estudados no presente artigo podem ser considerados os novos intelectuais locais, orgânicos³, forjados ao longo dos anos 1980 e especialmente 1990, no bojo de uma cultura popular ou minoritária com maior autonomia. Ou seja, uma espécie de porta-voz das periferias, morros, favelas e presídios(SILVA, 2012).

Denominado por alguns estudiosos de cultura marginal;literatura periférica⁴ ou literatura marginal⁵, a produção de autores como Paulo Lins e Ferréz (Reginaldo Ferreira dos Santos) difere de outras experiências de cultura dos “excluídos”. Nos anos 1960 um grande

³ Para o italiano Antonio Gramsci, “Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc. (GRAMSCI, 2000, p.15)

⁴ Sérgio Vaz, um dos criadores da Cooperifa (Cooperativa de Cultura da Periferia) afirma que: "Gosto do termo literatura periférica porque diz de onde viemos. Antigamente falavam pela gente. Hoje, falamos por nós mesmos". Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1285557-literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias.shtml>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

⁵ Segundo Ferréz, “Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não têm espaço”. (FERRÉZ, 2005, p. 12). Sobre a literatura marginal, ver o trabalho pioneiro de Erika Peçanha do Nascimento, *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena* (2006).

artista como Hélio Oiticica ainda podia afirmar com entusiasmo: “– Seja marginal, seja herói!”. Na expressão de Oiticica, síntese do pensamento de uma geração, *ser marginal* era uma questão de escolha: é o artista contra o burguês, ou melhor, é o artista de origem burguesa que, insatisfeito com sua própria classe, se volta contra ela e exalta o excluído que anda “no fio da navalha”, entre a casa e a rua, entre o Brasil real e o Brasil legal (DAMATTA, 1979; HOLLANDA, 1980). Diferentemente dessa época, hoje já não se trata mais de uma elite branca e bem educada que pretende emprestar virtudes épicas ao povo na esperança de que um dia ele se torne senhor de seu destino (SILVA, 2011).

Portanto, esses novos sujeitos embaralham as cartas do jogo dos tradicionais mediadores da cultura e passaram de objetos a sujeitos do discurso, novidade que contribuiu, a nosso ver, para a diminuição da visão paternalista remanescente dos anos 1960 e 1970, que ainda persiste na discussão sobre as classes subalternas.

Sendo assim, vemos emergir novos sujeitos do discurso, que saem de territórios estigmatizados da cidade e ascendem à esfera midiática, ativando uma visão de mundo⁶ renovada e, conseqüentemente, uma nova identidade cultural, distante das instituições políticas mais tradicionais e próximas de determinados grupos sociais rotineiramente excluídos do panteão da produção cultural do Brasil.

Dessa forma, analisar esses fenômenos culturais neste momento significa tratar dessas manifestações dentro de um novo contexto, mais amplo, em que as culturas saídas da periferia das metrópoles aparecem não simplesmente como subprodutos da violência social do país, mas como um discurso capaz não só de espelhar a realidade dessas localidades, mas que, de alguma forma, exprime a reivindicação da ampliação da cidadania ao segmento social que habita essas áreas urbanas.

Literatura e sociedade

A utilização de textos literários para apreender traços de determinada sociedade não é nenhuma novidade nas ciências sociais. Basta lembrarmos que Karl Marx utilizou-se da obra de Balzac para ressaltar características da França oitocentista; e que Walter Benjamin destacou particularidades da modernidade partindo dos textos de Charles Baudelaire. No Brasil, Roberto Schwarz e Raymundo Faoro discutiram marcas essenciais da sociedade brasileira a partir da obra de Machado de Assis (SILVA, 2011).

⁶ Sobre visão de mundo nos diferentes grupos sociais, ver Lucien Goldman, *Sociologia do romance* (1967).

Tentando dar continuidade a esse ramo das ciências sociais, o presente artigo discute a relação entre o movimento literário que vem sendo chamado de literatura marginal/periférica e a sua possível contribuição para a compreensão de traços gerais da sociedade brasileira e da periferia das grandes cidades em particular.

Portanto, sugerimos que a literatura marginal/periférica possa esclarecer pontos relevantes sobre o mundo suburbano devido ao fato de seus autores terem nascido e crescido nas periferias das grandes cidades brasileiras e produzido obras literárias que tratam da experiência miserável e do cotidiano violento das comunidades pobres de nossas metrópoles. Dessa forma, essa produção textual ajudaria, entre outras coisas, a desvendar a estrutura, a dinâmica e a linguagem dessas comunidades periféricas e, no limite, compreender a onda de violência que perturba principalmente as regiões pobres das grandes cidades.

Como afirma o samba “Linguagem do morro” de autoria desconhecida, o morro tem suas próprias características e a literatura marginal pode ser mais uma oportunidade para desvendar esse mundo que espacialmente está tão próximo, mas socialmente muito distante.

Tudo lá no morro é diferente
Daquela gente não se pode duvidar
Começando pelo samba quente
Que até um inocente sabe o que é sambar
O outro fato muito importante
E também interessante
É a linguagem de lá
Baile lá no morro é fandango
Nome de carro é carango
Discussão é bafafá
Briga de uns e outros
Dizem que é burburim
Velório no morro é gurufim

Erro lá no morro chamam de vacilação
Grupo do cachorro em dinheiro é um cão
Papagaio é rádio
Grinfa é mulher
Nome de otário é Zé Mané

Para isso, utilizamos as orientações do crítico literário Antonio Candido. No seu artigo “Dialética da malandragem” (1970), Candido analisa o romance *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antonio de Almeida e indica alguns caminhos que podem ser seguidos.

Publicado na década de 1850, *Memórias* foi lido por muitos críticos literários como um romance picaresco, porém, Candido vê em Leonardo, personagem central, o típico

exemplo do “primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira” (1970, p.71). Ou seja, para Cândido a circulação e oscilação de Leonardo e outros personagens entre o campo da ordem e da desordem seriam as principais características desse “romance malandragem”.

No romance não há, segundo Cândido, personagens que representam puramente a ordem e a desordem, eles oscilariam por esses âmbitos, ora tendo comportamentos louváveis, ora tendo comportamentos odiáveis. Exemplo disso é a temida figura do Major Vidigal:

Ordem e desordem se articulam portanto solidamente; o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido, quando os extremos se tocam e a labilidade geral dos personagens é justificada pelo escorregão que traz o Major das alturas sancionadas da lei para complacências duvidosas com as camadas que ele reprime sem parar. (CANDIDO, 1970, p.81)

Dessa forma, a obra representaria o primeiro romance tipicamente brasileiro, já que Almeida conseguiu, possivelmente de forma intuitiva, captar característica marcante da sociedade brasileira.

Poderíamos, então, dizer que a integridade das *Memórias* é feita pela associação íntima entre um plano voluntário (a representação dos costumes e cenas no Rio) e um plano talvez na maior parte involuntário (traços semi-folclóricos, manifestados sobretudo no teor dos atos e das peripécias). Como ingrediente, um realismo espontâneo e corriqueiro, mas baseado na intuição da dinâmica social do Brasil na primeira metade do século 19. E nisto reside provavelmente o segredo da sua força e da sua projeção no tempo. (CANDIDO, 1970, p.72-3)

Nesse sentido, Cândido, seguindo as orientações de Auerbach e Lukács, desenvolve um modelo teórico-metodológico inovador para a análise da realidade social brasileira. Isto é, no estudo de um romance como *Memórias*, e a partir da exegese de sua forma literária, mostra que é possível depreender características da realidade social na qual foi produzido. Ou seja, apreender a dinâmica social da época.

(...) percebemos que a estrutura do livro sofre a tensão das duas linhas que constituem a visão do autor e se traduzem em duas direções narrativas, interrelacionadas de maneira dinâmica. De um lado, o cunho popular introduz elementos arquetípicos, que trazem a presença do que há de mais universal nas culturas, puxando para a lenda e o irreal, sem discernimento da situação histórica particular. De outro lado, a percepção do ritmo social puxa para a representação de uma sociedade concreta, historicamente delimitada, que ancora o livro e intensifica o seu realismo infuso. Ao realismo incharacterístico e conformista da sabedoria e da irreverência popular, junta-se o realismo da observação social do universo descrito. (CANDIDO, 1970, p.83)

Destarte, da leitura do ensaio podemos inferir que a principal marca da sociedade brasileira seria a oscilação entre ordem e desordem, ou seja, a dialética da malandragem, aquela que:

(...) amaina as quinas e dá lugar a toda a sorte de acomodações (ou negações), que por vezes nos fazem parecer inferiores ante uma visão estupidamente nutrida de valores puritanos, como a das sociedades capitalistas; mas que facilitarão a nossa inserção num mundo eventualmente aberto. (CANDIDO, 1970, p.88)

O crítico literário Roberto Schwarz, discípulo direto de Antonio Candido, no livro *Ao vencedor as batatas* (1977) também relaciona forma literária a processo social. A partir do estudo da forma literária da obra de Machado de Assis, Schwarz identifica marcas profundas da sociedade brasileira do Segundo Império (1840-1889), com destaque para a convivência entre, de um lado, uma economia predominantemente agrária, com mão-de-obra escrava, agricultura desenvolvida em latifúndios e voltada para o mercado externo, e, de outro, os valores liberais, vigentes em países com economia diversificada, mão-de-obra assalariada (livre), pequenas e médias propriedades e mercado interno dinâmico.

Essa impropriedade de nosso pensamento, que não é acaso, como se verá, foi de fato uma presença assídua, atravessando e desequilibrando, até no detalhe a vida ideológica do Segundo Reinado. Frequentemente inflada, ou rasteira, ridícula ou crua, e só raramente justa no tom, a prosa literária do tempo é uma das muitas testemunhas disso. (SCHWARZ, 1977, p.14)

Esse processo de ideias fora do lugar ocorre, segundo o crítico, porque os princípios liberais foram adaptados e determinavam, principalmente, as relações de favor entre os grandes proprietários e os segmentos intermediários da sociedade, isto é, os trabalhadores livres.

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do que se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. (SCHWARZ, 1977, 16) [grifos do autor]

Assim, segundo Schwarz (1977), com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressaltada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Dessa forma, esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc. Mesmo profissões liberais, como medicina, ou qualificações

operárias, como a tipografia eram governadas por ele. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário dependia dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto.

O favor é a nossa mediação quase universal – e sendo mais simpático do que o nexo escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção. (SCHWARZ, 1977, p.16) [grifos do autor]

Portanto, seguindo a tendência teórico-metodológico de desvendar na estrutura da obra literária aspectos que podem representar características do momento histórico na qual o texto foi escrito, Schwarz, a partir da análise dos livros do *Bruxo do Cosme Velho*, infere que o favor seria a principal marca da sociedade brasileira.

A partir das análises de Candido e Schwarz e a ênfase na estrutura dos livros da literatura marginal/periférica, sugerimos que podemos identificar as suas idiossincrasias e, no limite, caracterizar aspectos das periferias, morros e favelas das grandes cidades brasileiras.

Trajatória social

Outro aspecto que contribuiu para a mensuração da relevância dos autores da literatura marginal/periféricafoia discussão sobre as trajetórias sociais dos seus representantes. Para isso, adotamos as teses do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002).

Segundo Bourdieu(1968; 1992; 1996) a posição de um autor na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático. Por isso, no estudo sobre autores, a análise da trajetória social como etapa de um ascenso e descenso, como progressão e regressão social é fundamental.

O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido do trajeto social (...) [desse modo] duas posições aparentemente idênticas do ponto de vista da sincronia podem se revelar muito diferentes quando referidas apenas ao contexto real, isto é, ao futuro histórico da estrutura social em conjunto, e portanto, ao futuro da posição. Ao contrário, indivíduos (...) podem ter propriedades comuns na medida em que lhes seja comum, se não a trajetória social, ao menos o sentido ascendente ou descendente de seu trajeto. (BOURDIEU, 1968, p.07-8)

Bourdieu(1992) ressalta ainda que a compreensão de um autor e sua obra passa necessariamente pela discussão do campo em que este atua: “É preciso situar o *corpus* assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as

relações entre a posição deste *corpus* neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu” (p.186).

O campo social, com uma relativa autonomia, forma um sistema de força que da mesma maneira que o campo magnético, constitui um sistema de linhas de força, isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento de tempo e, dessa forma, cada agente é determinado pelo fato de fazer parte desse campo:

Por outro lado, cada um deles é determinado pelo fato de fazer parte desse campo: à posição particular que ele aí ocupa deve, com efeito, *propriedades de posição, irreduzíveis* às propriedades intrínsecas, e, particularmente, um tipo determinado de participação no *campo cultural* enquanto sistema de relações entre temas e problemas e por isso mesmo, um tipo determinado de *inconsciente cultural*, ao mesmo tempo que é, intrinsecamente, dotado daquilo que chamaremos *peso funcional*, porque sua “massa” própria, isto é, seu poder (ou melhor, sua autoridade) dentro do campo, não pode ser definido independentemente da posição que ocupa no campo. (BOURDIEU, 1968, p.05-6) [grifos do autor]

Analisando os comentários da professora Regina Dalcastagnè⁷, organizadora do VIII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), sobre a literatura prisional, conseguimos visualizar as disputas do campo ressaltadas por Bourdieu. Dalcastagnè considera que não está claro o sentido da produção “desses excluídos”. “Vamos discutir porque é 'literatura' quando um escritor de classe média aborda suas experiências e vira 'testemunho' se o favelado ou o preso contar a mesma coisa. Nós produzimos literatura. Eles testemunhos...” (CULT, 2002, p.40-1).

A professora concluí dizendo que o encanto acadêmico pela marginalidade se exacerba atualmente. “Antes, os marginalizados eram santificados. Hoje, aparecem muito violentos e estetizados. A literatura brasileira perdeu o pé da realidade. Acabamos o concreto, e este espaço vago do real está sendo ocupado pelos favelados, presos, rappers” (CULT, 2002, p.40-1).

Tais colocações, além de expressivos, corroboram as colocações de Bourdieu (1968; 1992). Para este, uma das formas dos grupos estabelecidos manterem seus privilégios, realiza-se através da inferiorização do outro, da estigmatização daquele que está fora. O grupo

⁷ Regina Dalcastagnè, professora da Universidade de Brasília, foi uma das organizadoras do VIII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), realizado em Belo Horizonte - MG, de 23 a 26/07 de 2002. Nesse congresso, discutiram a produção dos autores da literatura marginal no Simpósio “*Clivagens Sociais e Representação Literária: Os Grupos Marginalizados na Literatura Brasileira*”.

estabelecido cerra fileiras contra o “outro” e o estigmatiza, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considera que lhes falta a virtude humana superior, o carisma grupal distintivo, que o grupo dominante atribui a si mesmo⁸.

Portanto, partindo da ideia de que o campo cultural é um território hierarquizado, organizado segundo uma determinada estrutura de interesses no qual um grupo específico se agrupa, se integra e entra em conflito como nos mostra Bourdieu, e que os grupos estabelecidos repudiam todos aqueles que “ameaçam” sua posição, analisamos a trajetória social e intelectual dos autores aqui estudados. Nesse estudo, identificamos algumas das causas do repúdio e estigmatização por parte dos guardiões do cânone da alta literatura brasileira em relação aos escritores da chamada literatura marginal/periférica.

Escritores marginais/periféricos

O escritor carioca Paulo Lins é autor do romance *Cidade de Deus* (1997) e ficou mundialmente conhecido depois que seu livro foi adaptado para a tela do cinema pelo diretor Fernando Meirelles. Lins nasceu no bairro do Estácio, na zona norte do Rio de Janeiro, e, com sete anos de idade, mudou-se para o bairro Cidade de Deus, na zona oeste carioca, onde morou por trinta anos. Caçula de quatro irmãos, afirma que sempre gostou de estudar.

Formado em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Lins fez pós-graduação na Universidade de Campinas (Unicamp). Durante dez anos, atuou como professor de português. Mas foi como assistente de pesquisa da antropóloga Alba Zaluar que surgiu a oportunidade de escrever o livro que o tornou conhecido. Atualmente Lins vive de palestras e conferências proferidas em toda parte do mundo e da redação de filmes e séries, como *Cidade dos Homens*, série da Rede Globo inspirada no filme *Cidade de Deus*. Recentemente publicou o romance *Desde que o samba é samba* (2013).

“A vida na periferia da cidade de São Paulo é um mundo à parte”⁹, descarrega Reginaldo Ferreira dos Santos, o Ferréz, autor de *Capão Pecado* e *Manual Prático do Ódio*, romances onde os personagens são inspirados em moradores do Capão Redondo, bairro no extremo sul da Capital paulista.

⁸ Ver também Norberto Elias. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁹ Entrevista concedida por Ferréz ao jornal *Diário de S. Paulo*, 4 de maio de 2003, p. A12.

O nome Ferréz é uma mistura de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, com Zumbi dos Palmares, ídolos do escritor. “Ferre é de Ferreira. O z é de Zumbi dos Palmares. Para mim são os dois heróis nacionais, duas pessoas que fizeram alguma coisa pelo país” (2003).

Ferréz é um típico autodidata. Nasceu em 1976 e sempre morou no Capão Redondo. Começou a trabalhar cedo, aos 13 anos. Sempre estudou em escola pública, formando-se no 3º ano do ensino médio. O gosto pela leitura nasceu com o pai, um motorista de ônibus que não lia muito bem. “Desde pequeno meu pai pedia pra eu ler histórias de cordel pra ele. E também peguei gosto por quadrinhos. Lembro que eu pedia dinheiro pra comprar gibi” (2003). Para compensar o “vazio” escolar, Ferréz procurava ler, fosse como balconista, vendedor de vassouras ou como funcionário da rede de lanchonetes Bob’s, andava com um gibi de super-heróis ou um romance de Machado de Assis, Herman Hesse, Tchecov ou o seu predileto, Madame Bovary, de Flaubert. Mais tarde vieram as histórias de João Antonio, um romancista do submundo paulista, Carolina Maria de Jesus, moradora de favela da capital paulista que escreveu um diário e os textos teatrais do dramaturgo Plínio Marcos.

O primeiro livro, “Fortaleza da Desilusão”, de poesias, foi escrito em 1997. Ferréz tinha apenas 22 anos, trabalhava no arquivo morto de uma empresa de serviços temporários e as poesias chamaram a atenção de uma diretora que o estimulou a publicar. O desemprego por quatro anos possibilitou a produção do segundo livro, “Capão Pecado”¹⁰. “Queria escrever um livro com o linguajar do menino da periferia e da favela” (2003).

O livro o aproximou da revista *Caros Amigos*, na qual escreve artigos até hoje e coordenou edições especiais da revista *Caros Amigos Literatura Marginal*(Ato I, II e III). Além disso, Ferréz criou o movimento 1daSul, que estimula a literatura e atividades culturais entre meninos e meninas da periferia.

Manual Prático do Ódio(2003), terceiro livro do autor, foi lançado pela portentosa Editora Objetiva. Mais recentemente, Ferréz lançou um CD de Hip Hop, o livro *Amanhecer Esmeralda* (2005) -primeira experiência do autor na literatura infantil, usando a periferia e sua linguagem -, *Ninguém é inocente em São Paulo*(2006), *Deus foi almoçar*(2011) e *O pote mágico*(2012).

Consideramos que os autores sumariados podem nos ajudar a compreender esse movimento saído da periferia que vem promovendo a emergência de novos sujeitos portadores de um discurso específico.

10 O original fora tragado junto com parte do barraco onde morava com a mãe por uma tempestade.

Malandragem X Marginalidade

A partir da análise dos romances *Cidade de Deus* de Paulo Lins e *Capão Pecado* de Ferréz ressaltamos alguns apontamentos. Para João Cezar de Castro Rocha (2004), professor de literatura da UFRJ, o conceito de dialética da malandragem desenvolvido por Antonio Candido (1970) e esboçado no início de presente artigo envelheceu e foi atropelado pela violência que atinge toda a sociedade brasileira. A manifestação literária que representaria discursivamente esse novo tipo de sociedade seria a literatura marginal. Ou seja, a saga do crime organizado e a brutalidade da violência das personagens descritas por essa nova literatura mostrariam que a caracterização da cultura brasileira contemporânea exige novos modelos de análise, capazes de estimular uma outra leitura dessa experiência literária.

Rocha (2004) defende que esse novo modelo de análise estaria calcado na “dialética da marginalidade”, um tipo de interpretação que privilegiaria o conflito no lugar da conciliação. “A hipótese da emergência da dialética da marginalidade ajuda a compreender o ponto comum de um grande número de produções recentes que desenham uma nova imagem do país; imagem essa definida pela violência...” (p.06).

Dessa forma, no Brasil de hoje não existiriam mais as alianças entre os estabelecidos e excluídos, como transparecem nos personagens de José de Alencarno romance *Iracema* de 1865, pois se no personagem de Moacir, filho de Iracema, que, mesmo sendo o “filho da dor”, acumulava em si o conjunto das vastas esperanças depositadas na união do qual era representante, nas figuras dos romances de Ferréz e Paulo Lins encontramos uma perspectiva oposta: do ângulo do excluído surge um retrato hediondo do Brasil e neste novo cenário caberiam apenas sonhos que podem acabar em morte – devido a uma batida policial ou a um acerto de contas entre quadrilhas, desejos incessantemente frustrados pelas miseráveis condições de vida; e a vivência única e agonizante do tempo presente, uma vez que a instabilidade da vida dos personagens confere a dimensão da impossibilidade quanto aos projetos de futuro (ROCHA, 2004; MELLO, 2000).

Em outras palavras, não existiria mais a aliança entre os grupos estabelecidos e os excluídos (ELIAS; SCOTSON, 2000). A compaixão com os pobres e desvalidos foi-se embora com o aumento da violência e, principalmente, com os bandidos rompendo a barreira que dividia as classes (cor, vestimenta, fala).

A história envolvendo o personagem Dinoitinha do romance *Manual prático do ódio*(2003) de Ferréz ilustra algumas ideias que acabamos de afirmar. O romance conta a história de uma quadrilha que planeja realizar um assalto a um banco de São Paulo. O

protagonista é Régis, bandido experiente e respeitado que, com o objetivo de realizar um grande roubo, junta-se a outros criminosos.

Dinoitinha é um rapaz da periferia que vendia maços de rosas para ajudar sua família. Certo dia, num farol de trânsito, o garoto tenta vender para uma senhora: “- Talvez para o namorado, moça?”. Ela responde que sim, vasculha a bolsa, mas não encontra nota pequena (só tinha uma nota de R\$ 50), e as rosas custavam R\$ 1. Diz para o garoto que compraria da próxima vez, mas Dinoitinha puxa uma rosa e entrega e diz: “- Deixa disso, dá pra ele”. Constrangida com tal ato, pois os preconceitos de classe lhe ensinaram que aquelas crianças que vendiam mercadorias no trânsito de São Paulo eram todos bandidos ou aspirantes a bandido, a senhora pega um cartão da bolsa e diz para o menino que “se um dia precisasse podia ligar, qualquer coisa que quisesse, foi o que disse, ele pegou, não entendeu bem, mas pegou, o fato abriu” (FERRÉZ, 2003, p.71).

Algum tempo depois, o pai de Dinoitinha morre e sua mãe não tinha dinheiro para custear o enterro. O garoto lembra o que a senhora que conheceu no farol de trânsito disse: “se um dia precisasse podia ligar, qualquer coisa que quisesse”. Resolve tentar:

- Alô?
- Tá, é o Dinoitinha.
- Quê?
- É o Dinoitinha.
- Está querendo falar com quem, por favor?
- Com a dona do carro.
- Que carro?
- A dona do carro que me deu esse cartão.
- Ah!,mas quem é você?
- Eu sou o menino que vende rosa.
- Certo, estou lembrando, o que você quer?
- Eu liguei porque o meu pai morreu e...
- Ó menino, vamopará de papo-furado, cê tá querendo a merda do dinheiro não é?
- Não, moça, é que meu pai...
- É fogo, por isso não gosto de nada de graça, uma merda de uma rosa e...
- Moça, é que meu pai morreu e...
- Vai pra puta que te pariu, menino, cê num tem o que fazer, não é? Seu trombadinha.
- Mas moça...
- Ah! vai pro inferno, não tenho tempo pra isso não.

O telefone foi desligado, Dinoitinha ficou com ele por alguns segundos no ouvido, sua mãe perguntava a todo momento o que estava acontecendo, ele largou o aparelho: Ela tá nervosa mãe, depois a gente liga. (FERRÉZ, 2003, p.243-4)

Os tempos mudaram e as cidades brasileiras de hoje não seriam mais habitadas por Moacir, “filho da dor”, ou por malandros como Leonardo pai e Leonardo filho. O malandro está morto e quem ocupa agora a cena é o marginal. Não há mais espaços para gritos como “-

Seja marginal, seja herói!”, como vociferado por Hélio Oiticica nos anos 1960, nem para a santificação dessas pessoas. Ao contrário, o que vemos hoje é a ojeriza a qualquer tipo de santificação advinda justamente por parte daqueles que, anteriormente foram santificados.¹¹

Portanto, o Brasil de hoje tem como cenário crianças empastelando cocaína, separando balas de fuzil HK-47, de fabricação russa, ou do fuzil AR-15, de fabricação israelense. O quadro que temos diante de nós é de um país que está passando por significativas modificações e tornando-se um lugar marcado pela violência e o conflito, isto é, caracterizado pela dialética da marginalidade.

Num primeiro momento parece que estamos diante da reedição da dialética da malandragem, porém, outro exemplo reforça a ideia que estamos enfrentando problema novo. No romance *Capão Pecado*(2000) Ferréz conta a história de Rael, um garoto da periferia de São Paulo que gostava de ler. A repulsa que o protagonista Rael tem pelos adolescentes e jovens de classe média revela que estamos diante de uma nova dinâmica, a dialética da marginalidade: “- Ah! Mãe, você sabe que eu não gosto de trocar ideia com esses *playboys*, e ainda mais receber” (FERRÉZ, 2000, p.34).

Considerações Finais

Depois da explosão do funk no início dos anos 1990 e a sua posterior criminalização, não imaginávamos que manifestações culturais saídas da periferia das grandes cidades brasileiras pudessem, em tão pouco tempo, ocupar o cenário cultural brasileiro. Mas o que está acontecendo neste início de milênio é de outra ordem. A cultura saída da periferia nos dias de hoje não se restringe ao campo musical como naquele momento. Ela se expande para outros campos, como o literário e o audiovisual.

Ao lado de grupos como Racionais MC's¹², Câmbio Negro e cantores como MV Bill, Gog, Happin Hood, Emicida, Criolo, etc., temos nomes como dos escritores Paulo Lins, autor do mundialmente conhecido *Cidade de Deus* e de Ferréz autor de *Capão Pecado* e *Manual prático do ódio*.

¹¹ O filme “Cidade de Deus”, por exemplo, aplaudido pela crítica, não foi bem recebido pelos moradores da favela retratada no filme. Para eles, segundo a imprensa divulgada à época da sua exibição, o filme foi uma ‘infâmia’ e só ajudou a ‘difamar ainda mais a favela. Os termos infâmia e difamação são dos próprios moradores.

¹² Sobre a importância do grupo de rap Racionais MC, ver Garcia, 2004; Guimarães, 2005 e Silva, 2012.

Para além da imagem midiática palatável desses cidadãos, suas manifestações culturais - que falam de tráfico de drogas, preconceito racial e social, pobreza e cultura - ganham sentido mais sócio-político que cultural, numa espécie de pano de fundo de tempos mais conflituosos, nos quais a ideia de conciliação social é substituída pelo discurso do conflito, afastando-se de certa vertente cordial de manifestações culturais como o samba nos anos cinquenta e sessenta.

Dessa forma, analisar esses fenômenos culturais significa tratar dessas manifestações dentro de um novo contexto, mais amplo, em que as culturas saídas da periferia das metrópoles aparecem, não simplesmente como subproduto da violência social do país, mas como um discurso capaz não só de espelhar a realidade dessas localidades, mas que, de certa maneira, exprime a reivindicação da ampliação da cidadania ao segmento social que habita essas áreas urbanas.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ediouro, 1987.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Moderna, 1993.

BENTES, Ivana & HERSCHMANN, Micael. O espetáculo do contradiscurso. In: *Folha de São Paulo – Mais*. São Paulo: 09-11, 18 de Agosto/2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas*. Introdução, organização e seleção de textos de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 183-202.

_____. Campo Intelectual e projeto criador. In: VÁRIOS AUTORES. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, 105-145.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, vol. 8, 1970.

_____. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CULT – *Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo: 59: 34-44, jul/2002.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIÁRIO DE SÃO PAULO. *Entrevista com Ferréz*. São Paulo, 4 de maio de 2003, p. A12.

ELIAS, Nobert e SCOTSON L. John. *Estabelecidos e Outsider: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

ESLAVA, Fernando Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília: 24: 35-51, jul/dez. 2004.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

_____. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. Sobreviver em São Paulo. In: *Folha de São Paulo*: 24 de janeiro de 2004, p. A3.

FOLHA DE SÃO PAULO. Literatura marginal ultrapassa fronteira das periferias. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1285557-literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias.shtml>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

FONSECA, Rubem. *O cobrador e outros contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

FRIAS FILHO, Octávio. Cultura bandida. *Folha de São Paulo*, 2003, A2.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MC's. *Tereza: revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, nº 4/5, 166-180, 2004.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O príncipe educativo. O jornalismo*. Tradução e edição Carlos Nelson Coutinho. Co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. 2.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. *Rap: a periferia em primeira pessoa*. Disponível na internet no site: www.sbsociologia.com.br/gts/gt21.pdf. Artigo capturado no dia 10 de junho de 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960-1970*. Rio de Janeiro: Rocco, 1980.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MELLO, Cléa Corrêa. O desafio crítico de Cidade de Deus. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: 141: 123-149, jun. 2000.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do (2006). *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

REVISTA CAROS AMIGOS. *Literatura Marginal – A cultura da periferia*. Ato I. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001.

_____. *Literatura Marginal – A cultura da periferia*. Ato II. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2002.

_____. *Literatura Marginal – A cultura da periferia*. Ato III. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004.

_____. *Entrevista com MV Bill*. São Paulo: Editora Casa Amarela, nº 99, jun. 2005.

RIBEIRO, Jorge Paulo. Cidade de Deus – memória e etnografia em Paulo Lins. *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro: 11: 73-98, maio/ago. 2000.

ROCHA, J. C. de Castro. Dialética da marginalização. In: *Folha de São Paulo – Mais*. São Paulo: 628: 04-08, 29 de fev/2004.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília: 24: 53-67, jul/dez. 2004.

SILVA, Rogério de Souza. *Cultura e violência: autores, contribuições e polêmicas da literatura marginal*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown*. Tese do Doutorado. Campinas/SP: IFCH/Unicamp, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998.

_____. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília: 24: 69-88, jul/dez. 2004.